CHARLES TOMLINSON

(1927- 2015)



Charles Tomlinson foi um poeta, tradutor, académico e ilustrador britânico, nascido em Stoke-on-Trent e nomeado Commander of the Order of the British Empire pelos seus serviços à Literatura em 2001. Ao longo de uma carreira de escrita que durou mais de cinquenta anos, foi galardoado com inúmeros prémios na Europa e nos Estados-Unidos, entre os quais o Bennett Award (1993), o Premio Internazionale di Poesia Ennio Flaiano (2001), o New Criterion Poetry Prize (2002), bem como o Premio Internazionale di Poesia Attilio Bertolucci (2004). O poeta foi também membro honorário da American Academy of the Arts and Sciences, da Modern Language Association, do Queens' College e do Royal Holloway College.

A ligação de Charles Tomlinson à ideia de Europa data da sua juventude e da abertura ao Outro que a literatura lhe permitiu numa época de hostilidade entre a Alemanha e os países aliados: a França e a Inglaterra. O poeta relata como, na escola, os seus professores de Alemão e Francês fizeram expandir os seus horizontes culturais:

I owe everything to my two good teachers: Gerhardt Kuttner (soon to be anglicized as Gerard Cutner), a German Jew and a refugee from Hitler, who taught us German; and a Scot, Cecil Scrimgeour, who taught us French and who was much influenced by the Quakers and yet admired the civilization of Louis XIV's France. […] – well, all that was opening a way beyond the black industrial town where I was born into a sense of Europe itself. (Tomlinson 1998)

Numa Europa em guerra, a leitura e discussão de textos dos países em conflito parecia a Tomlinson a única forma de superar a inimizade entre os países europeus, despertando nele o sentido internacionalista e a sensibilidade em relação aos traços locais que marcariam os seus versos:

These contrasting geographies, both topographical and poetic, gave me a vantage from which to experience afresh my heritage as an Englishman and an European. […] When I began writing poems we were at war and Europe was in chaos. Poetry inevitably became an

instrument of restoration and a reaching out to the heritage we seemed about to lose. (Tomlinson 1997: xiii)

A poética de Charles Tomlinson pode ser sintetizada nos versos de "Aesthetic", um poema inaugural de 1955: "Reality is to be sought, not in concrete, / But in space made articulate" (Tomlison 2009: 7), isto é, o poeta advoga um referente complexo e estático que o olhar articula e dinamiza em textos ancorados na dimensão espacial. Este apelo à observação tem também impacto na organização das antologias do autor, que seguem os seus itinerários de viagem e dispõem os poemas em função dos lugares visitados.

Tomlinson encara o mundo de diferentes perspetivas que tanto assumem uma forma cómica – "If Bach had been a beekeeper" (*idem*: 646) – como pungente – "In the ward" (*idem*: 260). A sua atenção eternamente renovada ao que está em redor é apoiada numa busca incessante por novas e criativas formas de observação da realidade, catalisadas por uma intensa capacidade associativa e metafórica extremamente desenvolvida. Charles Tomlinson equilibra, assim, a descrição fiel do seu objeto poético com um espírito analítico, crítico e por vezes jocoso.

Com uma carreira delineada através de viagens e estadas no estrangeiro, em particular nos Estados-Unidos, no México e no Japão, para além dos vários países europeus visitados, Charles Tomlison desenvolveu uma visão internacional da poesia, que cunha os textos de um poeta-viajante fascinado pelo mundo que o rodeia, especialmente pela superfície material da realidade à sua volta (Hennessy 2005: 346). Um país europeu é de tal modo evocado nos seus versos que o poeta, no fim da vida, se referia já a poemas "de gratidão" a Itália (Tomlinson 1998). Contudo, um número muito vasto de países, para além das paisagens britânicas natais, é referido nos seus textos, maioritariamente intitulados por topónimos: Holanda (Tomlinson 2009: 36, 424), Portugal (551-554, 583-585, 674), França (42, 490, 667-669), Alemanha (494); Espanha (498, 586, 672-673) e Grécia (587-591), por exemplo.

O Velho Continente é primeiramente demarcado na cartografia literária do escritor com a antologia *Seeing is Believing*, cujo título é também súmula do projeto poético de Charles

Tomlinson, quando dedica dois poemas a limites marítimos europeus: “The Atlantic” (*idem*: 21) e “The Mediterranean” (*idem*: 24). O poeta procura em ambos uma definição material destas vastas massas de água que o fascinam visualmente pelo desenho limítrofe e em movimento de um continente: “The beach receives it, / A whitening line, collapsing / Powdering-off down its broken length” (21) e “The sea laps by the railroad tracks. / To have admitted this also defines the sea” (24). A estas duas fronteiras marítimas da Europa juntar-se-á, em 1987, um outro mar, o Tirreno, com o poema “Tyrrhenian” (417).

É na antologia *Skywriting*, publicada em 2003, que Tomlinson escreve mais longamente sobre a Europa como continente. A obra organiza-se em séries de poemas fruto de viagens do poeta, contemplando voos de avião, passagens por Itália, para além de cenas inglesas (sem esquecer as referências a países não europeus como o México ou o Japão). Nesta viagem literária, o ritmo ligeiro e o verso livre aliam-se a um olhar metafórico sobre as paisagens, assim como a impressões sinestésicas dos destinos. A Europa surge mais explicitamente no poema-voo que liga os textos sobre o México àqueles dedicados a Itália. Assim, como que da janela do avião, o continente surge macroscopicamente “From the plane”:

Ruskin would have seen a reason for flying
On a day like this, with cloud shadows
Blown-by below, shaping out the land
They clamber across – the immense
Body of Europe, with its mountains spread
Beneath one’s feet. One’s feet? Why, they and we
Tread twenty thousand feet of space
Between ourselves and the relief of Chamonix. (*idem*: 622-623)

Os primeiros versos deste poema ilustram com clareza a poética descritiva de Charles Tomlinson, que não se limita, porém, a enumerar acriticamente o que vê, mas tem consciência (também metalinguística) do todo imagético que está a tentar construir. O poeta problematiza, por exemplo, a expressão “beneath one’s feet”, aos pés de alguém, quando na verdade o continente europeu estava bem mais distante dos pés dos passageiros do voo e só

assim podia ser apreendido na sua amplitude. A Europa, erguendo as suas cordilheiras montanhosas, serve também de ligação intermedial entre a poesia e as aguarelas de John Ruskin, muitas delas paisagens de montanhas e homenageadas em vários poemas de Tomlinson (*idem*: 41, 472, 473). Compreendemos então a prevalência das artes visuais na poesia do autor, também ele ilustrador e assim capaz de construir uma poesia sinestésica.

Em "Farewell to Europe" (*idem*: 630-631), outro poema-voo da antologia *Skywriting* que liga os temas italianos aos versos evocativos do Japão, Charles Tomlinson adapta e presentifica o mito clássico de Europa, que já não é raptada por um Zeus em forma de touro, mas sobre uma moto. A forma do veículo equiparada à do animal, visto que "horns / and handlebars make a fair match", vai de par com a nova Europa, uma mulher frívola que, por usar capacete, "lost her head" e não é mais do que um torso a alta velocidade, finalmente libertada do seu mito – "she / is pleased to be no more / than this faceless rhyme in space" (*idem*: 631) – e incapaz de ver o presente ou o futuro chegando na estrada do tempo.

Mesmo debruçando-se sobre cenários não-europeus, Charles Tomlinson presta atenção a como as culturas e respetivas redes de influências se entrelaçam, apontando para alguns testemunhos deixados pelos presença colonial noutros continentes. A viagem a estes destinos desencadeia uma visão comparativa que, contra todo o desenraizamento espacial, demarca com rigor como o novo lugar é simultaneamente diferente e semelhante ao "aqui" de onde se partiu (Laird 1989: 222). Num texto dedicado a San Juan, em Porto Rico, Tomlinson inicia perentório: "Coming here is like returning to Europe." (Tomlinson 2009: 516). Em Macau, o poeta vê sobretudo uma cidade marcada por um passado europeu, apontando vários elementos de decadência nas suas estruturas, tal como em "Spanish moss" (634): o musgo espanhol cobre o busto de Vasco da Gama "greening on its marble plinth" (*ibidem*). A descrição de uma igreja destruída e sem restauro planeado completa a paisagem deste "fragment / of Catholic Europe" (*ibidem*). Também no poema "II Tenochtitlán" (614-15) o poeta se surpreende com a configuração da catedral mexicana, uma fusão de tradições que impede a total assimilação arquitetónica do país (Tomlinson/Saunders 2005: 89): "Entering the Doric nave, you might have thought / They were about to paint the entire

interior, / But that iron corset of scaffolding was there / Literally to keep the cathedral on its feet." (Tomlinson 2009: 614).

A obra completa de Charles Tomlinson leva, deste modo, o leitor a sobrevoar a Europa numa tentativa de desvelar a identidade própria de cada lugar, irredutível e limitada, à qual se acede através da observação atenta dos mais ínfimos detalhes e do respetivo enquadramento, num diálogo entre passado e presente.

Lista de poemas sobre a Europa

"Venice", *The Necklace* (1955, 1966)
"Oxen: ploughing at Fiesole", *Seeing is Believing* (1958, 1960)
"Gli scafari", *Seeing is Believing* (1958, 1960)
"Tramontana at Lerici", *Seeing is Believing* (1958, 1960)
"At Delft", *Seeing is Believing* (1958, 1960)
"Geneva restored", *Seeing is Believing* (1958, 1960)
"Cézanne at Aix", *Seeing is Believing* (1958, 1960)
"The compact: at Volterra", *Written on Water* (1972)
"At Sant'Antimo", *Written on Water* (1972)
"Tarquinia", *Written on Water* (1972)
"At Stoke", *The Way In and Other Poems* (1974)
"Etruria Vale", *The Way In and Other Poems* (1974)
"Gladstone Street", *The Way In and Other Poems* (1974)
"Death in Venice", *The Shaft* (1978)
"Near Corinium", *The Shaft* (1978)
"Portobello Carnival 1973", *The Shaft* (1978)
"San Fruttuoso", *The Flood* (1981)
"Above Carrara", *The Flood* (1981)
"Thunder in Tuscany", *The Flood* (1981)

“In the Borghese Gardens”, *The Return* (1987)
“Palermo”, *The Return* (1987)
“Netherlands”, *The Return* (1987)
“Lines written in the Bay of Lerici”, *Annunciations* (1989)
“Carrara revisited”, *Annunciations* (1989)
“Siena in sixty-eight”, *The Door in the Wall* (19929
“Paris in sixty-nine”, *The Door in the Wall* (1992)
“In a Cambridge garden”, *The Door in the Wall* (1992)
“Tübingen”, *The Door in the Wall* (1992)
“Campos de Castilla”, *The Door in the Wall* (1992)
“Porto Venere”, *The Door in the Wall* (1992)
“Portuguese pieces”, *Jubilation* (1995)
“Transaction at Mallards Pike”, *Jubilation* (1995)
“In Abruzzo”, *The Vineyard Above the Sea* (1999)
“Trebiano”, *The Vineyard Above the Sea* (1999)
“Oporto”, *The Vineyard Above the Sea* (1999)
“Rua do Carriçal”, *The Vineyard Above the Sea* (1999)
“Hellas”, *The Vineyard Above the Sea* (1999)
“From the Plane”, *Skywriting* (2003)
“Piazza”, *Skywriting* (2003)
“In Ferrara”, *Skywriting* (2003)
“The Etruscan graveyard at Marzabotto”, *Skywriting* (2003)
“The runners at San Benedetto”, *Skywriting* (2003)
“The journey: Pescocostanzo-Roma”, *Skywriting* (2003)
“Roma”, *Skywriting* (2003)
“Piazza Navona”, *Skywriting* (2003)
“Farewell to Europa”, *Skywriting* (2003)
“Thomas Jones in Naples, 1782”, *Cracks in the Universe* (2006)
“La Rochelle”, *Cracks in the Universe* (2006)
“Monet’s Giverny”, *Cracks in the Universe* (2006)

“Chinchón”, *Cracks in the Universe* (2006)
“November in Aranjuez”, *Cracks in the Universe* (2006)
“Santiago de Compostela”, *Cracks in the Universe* (2006)
“The Portuguese Ox”, *Cracks in the Universe* (2006)
“Westminster Bridge from the Eye”, *Cracks in the Universe* (2006)

Antologia breve

From the Plane
Ruskin would have seen a reason for flying
On a day like this, with cloud shadows
Blown-by below, shaping out the land
They clamber across – the immense
Body of Europe, with its mountains spread
Beneath one’s feet. One’s feet? Why, they and we
Tread twenty thousand feet of space
Between ourselves and the relief of Chamonix.
Yet from the ground, he could already see
The hollow in the heart of the aiguille
As smooth and sweeping in its cavity
As the curve of a vast oyster shell,
The connected movement in those crested masses
Like that of sea waves, governed by
One under-sweep of tide that ran
Through the whole body of the mountain chain.
Ruskin did not need to fly: his eye
Flew for and back to him and what we see
At this height, he taught us standing on two feet,
Among rocks the metallic tine of water

Curve across and down, into the course
Of the hurrying river that uncoils its force
Tasseling-on to the unseen horizon.

In *Skywriting* (2009: 622)

Farewell to Europa

Europa
carried away astride the back
of a motorcycle, horns
and handlebars make a fair match
but this bride of the machine,
having lost her head,
shows no more now
than the disc of a breast,
an echo of the wheels,
hubbed by its nipple.
Speed has cancelled her out and she
is pleased to be no more
than this faceless rhyme in space
which cannot even see
the landscape of her future
rolling towards her
through the sodium glow
of dismantled towns.

In *Skywriting* (2009: 630-631)

Rua do Carriçal

The inhabitants of Rua do Carriçal
in their island street –
their urban Innisfree
jammed between two thoroughfares –
livre remote from either
psychosis or a nunnery, and yet
someone has written on the wall
Psychotic Lesbian Nuns.
The woman washing her balcony floor
cannot read this scrawl
since it is daubed in English,
but wrings out her rag
in island innocence. Her neighbour
has trained his vines
to an iron trellis and emerges
from a greenery below
watering a miniature garden –
strawberries in plastic tubs, a slim
rectangle of soil in which
cabbage and cala lilies grow
side by side, gigantic roses
looming above lettuces,
striped pumpkin and potatoes.
Besieged by pylons,
a radio-mast, street-
end traffic and the monomaniac note
from a generator,
its parked cars
cluster as close as pumpkins growing,

where, immune from harm,
the pre-Freudian Carriçal exudes
into Lusitanian noon
its convent calm.

In *The Vineyard above the Sea* (2009: 584-585)

Bibliografia ativa selecionada

TOMLINSON, Charles (1997), *Selected Poems: 1955-1997*, Manchester, Carcanet Press.
TOMLINSON, Charles (2009), *New Collected Poems*, Manchester, Carcanet Press.

Bibliografia crítica selecionada

HENNESSY, Michael (2005), "Rereading Charles Tomlinson.", in *Contemporary Literature*, vol. 46, n. 2, 346-357.
LAIRD, Darrel Martin (1989), "An Unpredicted Terrain": *The Poetry of Charles Tomlinson* [tese], https://macsphere.mcmaster.ca/handle/11375/6622 (acedido a 8 de outubro de 2020).
TOMLINSON, Charles (1998), "The Art of Poetry No. 78", in *The Paris Review*, 149, www.theparisreview.org/interviews/1033/the-art-of-poetry-no-78-charles-tomlinson (acedido a 8 de outubro de 2022).
TOMLINSON, Charles / SAUNDERS, Judith (2005), "Skywriting and Other Poems", in *Modern Language Studies*, nº 35 (1), 89-90.

Maria Beatriz Almeida

Como citar este verbete:

ALMEIDA, Maria Beatriz (2022), “Xharles Tomlinson”, in *A Europa face à Europa: poetas escrevem a Europa.* ISBN: 978-989-99999-1-6.

“ *CHARLES TOMLINSON*
